

CARTEL DE DIREÇÃO E FORMAÇÃO

Cartelandos: Andrea Rôa d’Haese
Andrea Silvana Rossi
Denise P. Bueno
Juratriz s. Ribas
Marcelo M. B. Vieira
Sidneia B. Lopes

Por ora

A disposição para este cartel surgiu da necessidade de pensar a continuidade da instituição em um movimento em que envolvia questões presentes de quem se propõe a zelar pela transmissão da Psicanálise, mas também um peculiar momento de isolamento em que de forma paradoxal estávamos sendo atingidos por uma leva sem precedentes de ruídos midiáticos.

Em mim a questão com a direção ou rumo que a psicanálise tomaria na polis começou a criar corpo de forma mais efetiva, talvez em 2015/16, quando Joel Birman facilitou a entrada de um texto denominado “Manifesto pela psicanálise” escrito por vários autores franceses preocupados com os destinos da psicanálise na França. Segui atenta ao tema me envolvendo cada vez mais com os tramites administrativos e de transmissão na APC.

Em 2021, iniciamos este trabalho de cartel de formação e direção.

Existe uma carta de Freud a Max Eitingon, datada de 23 de novembro de 1919, em que uma entre tantas outras vezes Freud expressa sua preocupação a respeito do futuro da psicanálise, inquieto “com o que a canalha humana” faria da psicanálise quando ele não estivesse mais vivo.

Delimitar a psicanálise no campo da ciência e a quem de sua técnica possa fazer uso a partir da sua concepção tem sido um embate desde sua criação. Freud tomou o cuidado para que ela não fosse engolida pela medicina,

ou pela “psicologia médica” com a possibilidade de tornar-se somente mais um “método de tratamento”, sem com isso excluir a necessidade da contribuição de seus conhecimentos. O conjunto psicanalítico comporta a articulação muito mais ampla de formação, que inclui a análise pessoal de onde emana a convicção de que falar cura, além de que para haver a transmissão deste saber subjetivo é necessário o enlaçamento com a teoria por ele proposta, imbuída do rigor pela investigação e conhecimento nas mais de diversas áreas e ainda a supervisão para a prática clínica a fim de encaminhar o candidato (como ele coloca) a uma escuta particular visando a tradução do inconsciente.

Este tripé analítico não subsiste um sem a sustentação dos outros dois. Adverte que “ninguém deve praticar a análise se não tiver adquirido o direito de fazê-lo através de uma formação específica”. E se bem lermos seus preceitos, podemos concluir que a formação demanda esforço, dedicação, tempo e que esse não pertence a Cronos, uma vez que o desejo o determina. E ainda uma análise não é garantia nem tão pouco suficiência para que surja analista, embora imprescindível.

Para Freud sustentar o arcabouço psicanalítico em que estabeleceu os conceitos fundamentais e sua implantação clínica, custou anos de isolamento, como comenta em seu texto sobre a História do Movimento Psicanalítico, intercalando com correspondências a princípio com seu colega e amigo Fliess, e aos poucos compartilhando suas descobertas com outros colegas, mas preservando-se e sempre atendo a não perder sua independência ao forjar a teoria e inovação clínica. Receber acolhimento a sua experiência gerou alguns tumultos, muitos desafetos e rompimentos com pessoas a ele caras, mas que de uma maneira ou outra não podiam seguir sua linha de pensamento e desviavam-

se. Ao mesmo tempo que dependia da divulgação de suas ideias nos diversos círculos culturais e científicos, e para isso necessitava de simpatizantes que as transmitissem. Assim quando em 1910, no congresso de Nuremberg foi fundada a Associação Psicanalítica Internacional, aí nasceu o primeiro conflito entre o bloco de Zürich e o de Wien. Os suíços mais ligados ao campo médico científico e os austríacos não só advindos da área médica como também das artes criando crítica e antipatia. Apesar de desacordos, no ano seguinte em um congresso em Weimar a instituição contava já com 106 sócios, muito provável que pela boa política de conciliação das diferenças que Freud promovia. Ainda assim na sequência, muitos dos colaboradores se afastaram, inclusive os suíços. Todavia a estas alturas a psicanálise já estava no mundo e Freud seguiu construindo sua teoria e lidando com as desavenças que nunca deixaram de acontecer. A manutenção e preservação da IPA, foi a possibilidade da psicanálise perseverar.

Destaco uma frase de Freud que entendo deva ser sempre o fio condutor dos nossos estudos, leituras e criações envolvendo a psicanálise, muito bem vindas, mas devem girar sempre em torno do seu cerne, cito: *“- A psicanálise é criação minha, por 10 anos fui o único indivíduo que dela se ocupou, e foi sobre mim que recaiu de forma crítica, toda a irritação provocada pelo seu aparecimento. Penso ter o direito de sustentar que, ainda hoje, quando a muito não sou o único analista, ninguém pode mais do que eu saber o que é a psicanálise, como ela se distingue de outras maneiras de estudar o inconsciente e o que merece ter seu nome ou deveria receber outra designação.”* P.246

Freud via os movimentos divergentes como resistência, que frente a realidade desagradável o sujeito reage em fuga, nas mais diversas formas de expressão. Pela perspectiva freudiana, ousar querer refletir diante aos impasses

e dificuldades encontrados no percurso analítico, teórico e institucional, o núcleo da questão da formação do analista. As bases seu criador nos deixou de certa maneira regulamentada, porém sabemos que o rigor da condução cabe a cada um que dela se ocupar. Quão difícil é nos mantermos na via do processo analítico, que certamente não acaba quando analista/analizando param de se encontrar, pois ao nos dispormos a transitar no circuito psicanalítico aí se encontra um impasse do qual é preciso atenção, uma vez que a medida é a ética. Isso impõe estarmos atentos, uma vez que ao nos expormos a comunidade, transmitimos ..., e a transmissão da psicanálise ocorre da experiência singular obtida pela sustentação no tripé analítico, e este deve apoiar-se nos pares ancorados em núcleos institucionais que se propagaram ao longo dos anos e ultrapassaram territórios, idiomas e culturas. Não há psicanalistas sem outros. Não há psicanalistas sem uma instituição que sustente a delicada missão de pensar a escola, a formação e o próprio produto de uma análise. A instituição desempenha função de laço social, espaço de perda de gozo uma vez que o encontro com o outro interdita o puro gozo da fala, apontando ao sujeito que a língua por ele falada, condição para sua aprendizagem, lhe chega a partir do Outro. Não nos bastamos, por isso necessitamos de outros para enlaçar nossas faltas e assim criarmos força para manter circulando o movimento institucional; na ausência deste espaço não há psicanálise possível.

Aqui na APC e em algumas outras instituições que nos cercam e possibilitam uma troca de saberes e fazeres, entendemos que Lacan trabalhou sobre a questão da formação e elaborou uma maneira de funcionamento que contempla a leitura freudiana. Para sua crítica a rigidez da IPA e aos equívocos interpretativos propôs alguns arranjos de vínculo entre analistas que incentivam

trocas e elaborações teóricas, espaço de expressão e transmissão da transferência de trabalho e desejo de saber. Eis aí a fundação da École Freudienne de Paris em 1964, a confirmação de insistência nas suas ideias interpretativas em prol da sobrevivência da Coisa Freudiana. Mais um rompimento, desta vez por alguém que se dispôs a manter viva a letra freudiana em detrimento a uma instituição que ao seu entendimento, insistia manter um corpo teórico morto, repetindo palavras já sem vida como uma tosca marionete.

Entendo que foi com a finalidade de isolar o que é do discurso analítico e pensar uma forma de agregar pessoas que o texto da Proposição de 09 de outubro de 1967 foi escrito e toda a estrutura foi pensada com a ideia de um recrutamento em um estilo diferente a prática comum e articulada em um discurso em que a falta fosse propulsora de movimento e trabalho. Apesar disso em 1980 realizou a dissolução EFP como uma forma de solução e respeito a práxis original da psicanálise, pois constatou que aquela agregação estava indo na contramão de sua proposição com desvios e concessões a ele inadmissíveis. Sustentou mais um rompimento, mas continuou a insistir em restituir um novo enlace que pudesse comportar uma crítica assídua e restaurasse a sega cortante da verdade da criação freudiana.

O que faz a escola, o analista, a psicanálise, não é o discurso do mestre no qual encontraríamos o fortalecimento de um saber encerrado em si mesmo, tão pouco no giro do discurso capitalista que temos nos deparado no dia a dia, em que o saber é reduzido a mercadoria, um discurso avesso ao laço social, e indutor da ilusão de completude direta do sujeito/consumidor com o objeto concreto de um desejo sem causa. Ao rejeitar a castração este discurso insinua que o homem pode ser completo, sem falta, porém morto sem mesmo ter vivido,

muito distante do sujeito dividido em que o desejo é indutor de vivacidade. O que sustenta uma escola, o analista e a própria psicanálise é a possibilidade de se articular um discurso que considere a falta como estrutural, que enlace o sujeito como tal, que a verdade possa ser não toda para que o desejo de saber sempre tenha um enigma a ser decifrado. Um discurso que sustente a vida e sempre contenha a interrogação que nos faz analisantes.

Se nos dispomos seguir Freud e Lacan em suas inquietações frente aos destinos da psicanálise, suas elaborações e soluções a questões delicadas e polemicas, discussões que os colocaram a dar voz as suas elocubrações e que a nós chegaram em forma de volumes transcritos e escritos, se faz necessário em nossas instituições mantermos um crítico *modus operandi* que denuncie desvios e concessões que atrapalham a continuidade e degradam a prática psicanalítica bem como mantermo-nos na meta de nos servir de estratégias por eles estabelecidas para criarmos nossas próprias táticas de manutenção do Nome do Pai.